

CHECO

O FIM DA  
SAGA DA  
ATLÂNTIDA

# Atlântida

No reino das Trevas

VOLUME 2

Roger Bottini Paranhos



Assim, algum tempo depois, subjugamos completamente os dragões, os quais se tomaram nossos servos. Ora, eles, no mundo físico, ainda lutavam com tacapes, enquanto éramos senhores do Vril em Atlântida. Como poderiam vir a nos dominar? Isso seria inconcebível!

Inclusive, amarrei o pescoço daquele ser desprezível que fizera o pacto sinistro com Gadeir e o prendi como um cão sarnento ao pé de meu trono, conforme havia prometido. Mas logo o libertei. Gostava de pessoas bonitas, luxo e requinte ao meu redor. Além disso, ele não combinava com o mobiliário do palácio que erigi no astral, ao lado das gêmeas.

Amach e Ryu também construíram seus impérios particulares. No início, dividimos o reino dos magos atlantes entre os mais poderosos: Atlas, Gadeir, Galeato, Pantauér, Ryu, Amach e eu e as gêmeas.

Electra preferiu ficar a serviço de Gadeir, seu grande mentor, mesmo tendo anteriormente jurado fidelidade a Atlas. Ela era assim mesmo, não era uma pessoa em quem se poderia confiar. Mas tudo isso é passado. Hoje em dia, todos nós estamos mudados.

Depois da vitória sobre os dragões, coube-nos apenas manter e administrar nossos reinos. A aparente tranqüilidade fez com que Amach e Ryu passassem a se preocupar apenas com as conquistas, submetendo diversas mulheres aos seus comandos. Outras tantas corriam atrás deles enlouquecidas de paixão. Já as gêmeas e eu resolvemos criar um mundo ilusório, onde tínhamos até mesmo nossas praias ensolaradas, mesmo em zonas profundas do astral inferior.

Sol adorava o Astro-Rei e não poderia viver sem a força da luz solar.

Vivíamos como reis, tendo todo o luxo, o conforto e o requinte que desejávamos. Nosso poder mental se expandira de forma impressionante no plano espiritual, permitindo-nos criar absolutamente tudo o que queríamos. Sabíamos que, na condição de filhos de Deus, éramos cocriadores do Universo. Entretanto, utilizávamos esse poder, que faz parte da essência de todos os filhos de Deus, somente para criar coisas do interesse de nossos próprios egos.

Atlas e Gadeir, sempre sedentos por poder, tiveram seus atritos por séculos, mas nada que fugisse à realidade cotidiana das regiões do astral inferior, onde poder, ambição e rivalidade são uma constante.

Com o passar do tempo, todos aqueles que foram treinados pelos genuínos magos negros atlantes receberam essa mesma denominação. Mas, em sua maioria, eram apenas antigos atlantes que nunca possuíram poder nenhum com o Vril; no entanto, destacaram-se na complexa hierarquia do lado negro, no transcorrer dos milênios.

E assim o tempo foi passando, sem muitas novidades, até que, certo dia, fui comunicado de um fato notável. Atlas havia abandonado seu imenso império para retomar ao caminho da luz. Ele aceitara um convite de Artemis para reencarnar no plano físico e auxiliar no progresso da humanidade. Isso ocorreu em torno de dois mil anos após a submersão de Atlântida.

Eu já havia até esquecido nosso passado. Nunca mais me lembrara de Ártemis ou até mesmo de Evelyn. As gêmeas e eu havíamos criado um mundo só nosso, muito feliz, e isso me bastava. Com elas ao meu lado, tinha tudo de que precisava e o que poderia desejar.

Apesar de termos ficado impressionados, não demos muita importância ao retomo de Atlas, mas Gadeir, seu maior rival, obteve poder quase que total no astral inferior. Naquele período, Amach também começou a sentir cada vez mais desejo de poder e passou a subjugar-nos, em uma tentativa de rivalizar com Gadeir.

Eu procurei reagir, mas tinha uma grave falha para quem deseja ser senhor da escuridão:

eu amava as gêmeas e temia por elas. Esse sentimento fraterno de querer bem enfraquece as forças dentro da esfera do lado negro. Amach não se importava com nada nem ninguém; logo, seu poder aumentava dia após dia, de forma assombrosa.

Ao contrário dos seres trevosos, que têm o corpo espiritual mutilado ou, então, adquirem a forma de esqueletos, Amach se tomava mais belo e sedutor a cada novo milênio; tudo em razão do grandioso poder de sua mente e dos “caixões de revitalização energética” com o Vril, na esfera espiritual.

Em pouco tempo, ele terminou dominando todos os componentes do antigo grupo dos dois triângulos, quebrando nossa sagrada amizade. Ele estava enlouquecendo, porque nada mais lhe satisfazia, assim como uma criança mimada que recebe tudo dos pais sem esforço nenhum.

Eu, então, disse-lhe, com voz fraternal, lembrando-lhe de nossa longa amizade:

– Por que você está fazendo isso, Amach? O que temos aqui, além de ilusão? A única coisa real é nossa amizade. Não jogue fora a única coisa que ainda temos de valor: aquilo que nos faz diferentes desses seres infelizes que habitam esta região.

Ele ficou pensativo, e eu prossegui:

– Tenha o que quiser, seja o senhor de tudo o que construímos, mas não destrua nossa amizade. Só temos isso para nos agarrar, na alegria e na dor. Sem isso, enlouqueceremos. Quero continuar chamando-o de “meu irmão”. Por tudo o que há de mais sagrado, não destrua isso. Não me importo de que você seja o maior entre todos nós, mas, por favor, respeite nossa amizade.

Ele refletiu por alguns instantes e disse-nos que pensaria sobre aquilo no momento oportuno. Jamais reconheceu aceitar o que eu lhe disse, mas pouco a pouco foi nos libertando, restabelecendo nossa igualdade de condições, como era desde o princípio.

Amach sentia saudades de nossas conversas amigáveis, momento em que podia contar suas façanhas. Só voltamos a tratá-lo como um irmão no momento em que nos libertou definitivamente.

A personalidade de Amach é tão complexa que ela, por si só, já daria um bom tema para um livro inteiro, de muitas e muitas páginas. Nossa existência em Atlântida e, posteriormente, no reinado das sombras foi tão marcante que, ainda hoje, mesmo depois de toda essa caminhada de volta, ainda é difícil nos libertarmos de alguns dos resquícios de egocentrismo e soberba que adquirimos naquele longínquo período.

Tínhamos todo o poder aos nossos pés e, assim, ficamos orgulhados por milênios dentro de uma estrutura ilusória, que parecia ser muito mais atraente do que a vida aparentemente submissa daqueles que procuram a maior vitória, que é a vitória contra si mesmo, libertando-se do ego e das imperfeições da alma. O poder e o excesso de conforto cegam.

Muitos séculos foram necessários para descobrirmos o caminho da verdadeira felicidade. Mas tudo isso foi fruto também de nosso avançado conhecimento e capacidade. Se fôssemos seres comuns e sem todo aquele poder, talvez rapidamente colocássemos o “rabo entre as pernas” e regressássemos para o caminho correto, de onde não deveríamos ter nos afastado, naquela importante existência, na extraordinária Atlântida.

Em algumas épocas desse longo período, as altas esferas espirituais da Terra tentaram nos impor reencarnações compulsórias, mas nós abortávamos os fetos nos úteros de nossas futuras mães, impedindo o definitivo aprisionamento em um corpo físico, que poderia ser o início de nossa remissão.

Amach, então, ria abertamente dos mentores espirituais que planejavam o intento e dizia-lhes:

– Nunca vocês conseguirão me fazer nascer no corpo de um “macaco”. Eu sou filho de uma raça superior, os poderosos atlantes. Não nascerei na dimensão primeva da Terra jamais!

E assim prosseguimos, em nossos mundos ilusórios, perdendo a completa noção da passagem do tempo. Mas não vivíamos absolutamente distanciados da luz, pois tínhamos consciência de que, na verdade, Deus, o Espírito Criador, é quem rege ambos os reinos: tanto o da luz como o das trevas. Por fim, tomamo-nos definitivamente os “senhores do carma”, nas regiões densas do astral da Terra, assumindo, em parte, as atividades que eram exercidas anteriormente por Atlas.

Seguidamente, espíritos instrutores dos planos superiores reuniam-se conosco para estabelecerem os projetos que visavam a impulsionar as almas renitentes no mal que estavam sob nosso poder. Conforme já relatamos, éramos os responsáveis por estimulá-los a evoluir, por meio de nosso severo chicote.

Algumas almas mais densas, enrijecidas no ódio e na animalidade, necessitam das forças das sombras para serem estimuladas à busca da luz. E sabíamos que Deus utilizava-se de nossos domínios para promover o progresso de toda a sua criação. Respeitávamos isso e nos sentíamos honrados em auxiliar. Era uma forma de justificar nossa condição desvirtuada.

O que fazer com quem comete violências gratuitas e abusos contra menores e incapazes? O lado da luz sabia que estes deveriam ficar sob nossos cuidados. O lado sombrio saberia como estimulá-los a uma nova conduta, por intermédio da dor e do sofrimento. Nós não executávamos esses processos pessoalmente, pois não desceríamos a tal nível. Nossos capatazes eram encarregados disso, seguindo nossas diretrizes à risca.

Como tínhamos muitos espíritos sob nosso domínio, não nos importávamos em libertar grandes levas gradativamente, permitindo-lhes novas experiências no plano físico, no decorrer dos séculos. Já os dragões não entendiam esse processo e confrontavam os trabalhadores da luz, estabelecendo graves transtornos no astral.

Várias vezes tivemos de intervir em favor da luz. E, como os dragões nos temiam, terminavam cedendo. Gadeir, com o passar dos séculos, também causou alguns atritos, extrapolando sua esfera de ação, rompendo acordos que tínhamos estabelecido com a luz. Mas as coisas eram contornadas sistematicamente pela sabedoria dos espíritos superiores.

Até hoje em dia, a ação dos magos negros atlantes é pouco compreendida. O lado negro nada mais é que a outra face do lado da luz. São espíritos que possuem sabedoria milenar, no entanto, seguem em um processo evolutivo alternativo. Necessariamente, deverão caminhar pela trilha da luz para desenvolverem o amor, mas estão adquirindo uma importante evolução consciencial também na estrada das sombras. Tudo é uma questão de momento, e Deus sabe bem como utilizar todos os seus filhos, seja em que panorama for.

É lamentável, portanto, observar, às vezes, alguns doutrinadores espíritas tentando catequizar espíritos desse quilate com uma retórica ultrapassada e pouco consistente. Eles conhecem tudo o que falamos com mais profundidade que qualquer encarnado; apenas estão trilhando por outro caminho. Para trazê-los para a luz, devemos estabelecer uma ligação de amor, respeito e consideração, compreendendo que eles são tão filhos de Deus quanto aqueles que seguem pela seara da luz. Infelizmente, algumas criaturas despreparadas os tratam como criminosos desprezíveis e, com isso, colocam todo o trabalho da Alta Espiritualidade a perder.

Em certas ocasiões, eu presenciei médiuns sendo condicionados a submeterem-se à pobre retórica de doutrinadores despreparados, estabelecendo uma comunicação anímica, en-

quanto o mago negro virava as costas e dizia para os mentores espirituais que daquela forma não era possível dialogar. Lamentavelmente, alguns médiuns não compreendem que necessitam estudar muito para melhor servir os planos superiores, por meio dessa abençoada faculdade que é a mediunidade.

Creio que foi assim que conseguimos levar Arnach de volta ao caminho da luz, posteriormente. Depois de dez anos de trabalhos neste sentido, somente nesta atual vida, sempre respeitando suas considerações, ouvindo-o e reconhecendo seu valor, fomos cativando seu coração e trazendo-o para nosso lado.

Em um primeiro momento, ganhamos seu apoio para ações conjuntas do bem no reino das sombras e, depois, libertamo-lo definitivamente do caminho do mal.

Esse foi um esforço que também levou muitos séculos no plano espiritual. Não se convertem espíritos com tal bagagem espiritual em duas ou três sessões mediúnicas.

Outro fator que facilitou esse trabalho foi o fato de eu ter sido um mago negro atlante no passado. Eu entendia bem seus anseios e suas dificuldades para retomar ao caminho da luz. Nossas histórias eram muito parecidas. Graças a Deus, os resultados que obtivemos na seara do bem terminaram despertando a curiosidade do querido amigo Arnach, estimulando-o ao seu definitivo retomo, ainda antes do fim da transição planetária para a Nova Era. Ainda havia tempo de uma única e derradeira chance para ele na Terra, antes da consumação do Grande Exílio.

Foi assim que, sete mil anos depois do apocalipse atlante, Artemis e Atlas compareceram ao nosso palácio. As gêmeas e eu estávamos nos banhando nas piscinas aquecidas do amplo salão, tomando uma saborosa garrafa de guaianás. Eu percebi que Atlas se colocava humildemente ao lado da nobre Ártemis, como se fosse apenas um servidor de minha antiga mãe de criação. Isso me impressionou muito.

Ela, então, disse-nos com delicadeza, mas com plena autoridade:

– Atlas e eu estamos aqui para convidá-los a participarem de um grande empreendimento. Durante esses últimos sete mil anos, desde o desaparecimento de Atlântida, o mundo primitivo da Terra amadureceu e tomou-se apto para suas primeiras experiências na busca de uma consciência superior. A Alta Espiritualidade deseja que a mensagem crística seja levada a todas as culturas, para estabelecer-se na Terra a premissa que todos os povos deverão seguir no futuro, rumo à aquisição da consciência espiritual superior. Essa premissa é: ama ao teu próximo como a ti mesmo e não faça aos outros aquilo que não gostaria que te fizessem; a mesma mensagem que o nobre Antúlio trouxe à nossa terra, a esquecida Atlântida, faz alguns milênios.

Portanto, Atlas e eu, associados a almas que lhe foram queridas no passado, retomaremos à matéria para participar desse grande momento da história da humanidade.

Eu, então, interrompi-a, de forma brusca e indelicada, e disse-lhe, com certa frieza, porém com um tom de voz vacilante:

– Sim, torço pelo sucesso de seus empreendimentos. Mas o que vocês desejam de nós? Ártemis, se você precisar da ação de nosso império de alguma forma, será um prazer. Você sabe que sempre fui muito grato por tudo o que me ensinou.

Os olhos dela ficaram úmidos, por causa da forte e inesperada emoção. Nossa ligação era muito grande; na verdade, sempre fora, uma vez que era um amor recíproco, entre mãe e filho, que se tomou, no futuro, o amor entre um pai e um filho.

Aquela minha reação ríspida a desconcertou. Naquele instante, Atlas percebeu que era o momento de tomar a palavra para si e falou:

– Andrey, o trabalho que os grandes mestres, que lhe foram tão caros no passado, realizarão será de natureza puramente espiritual. Mas, para isso ter sustentabilidade, nós necessitaremos estabelecer um reinado coeso no país em que viveremos.

As terras do Vale do Nilo estão em guerra faz séculos. Precisamos unificar o Alto e o Baixo Egito, para estabelecer a paz e permitir que, a partir do progresso obtido em um reino estável, seus habitantes possam transcender em busca de experiências maiores, como a espiritual. O homem só encontra tempo para se espiritualizar quando consegue atender necessidades básicas, como alimentação, saúde e segurança.

Portanto, reencarnarei entres eles e tomarei o cetro do poder em minhas mãos, para estabelecer um reinado justo e coeso, abrindo espaço para que os grandes mestres da Espiritualidade façam seu trabalho em um terreno fértil e estável.

Atlas suspirou por alguns instantes e concluiu:

– Caro Andrey, nossa visita aqui tem a finalidade de convidar você e as gêmeas para participarem deste grande projeto, retomando ao mundo físico em uma nova existência. Eu ficaria muito honrado de tê-lo ao meu lado nessa empreitada, caro irmão. Eu preciso de líderes eficazes e que tenham personalidade cativante para comandar exércitos. Você, Sol e Lua são notáveis nesse quesito.

Ele, então, silenciou, esperando nossa manifestação. As gêmeas e eu cruzamos olhares, levemente emocionados com as palavras do grande guerreiro. Depois de refletir por um tempo, deixei o orgulho falar mais alto e respondi-lhes:

– Não temos nada a fazer nesse mundo primitivo e pouco nos importa o futuro desses seres grotescos. Para mim, a existência humana morreu com o fim de Atlântida. O mundo primevo não é vida. Desejo-lhes sucesso.

Artemis me olhou com compaixão e falou abertamente:

– Meu filho, já está na hora de seu retomo. Não protele mais a caminhada de volta aos braços do Espírito Criador. Você, Sol e Lua já trabalharam pela Vontade Maior, por meio da face da sombra, por longo tempo. Foram dignos dentro dessa caminhada e, por esse motivo, estão sendo convidados para realizar essa experiência, agora, pelo verdadeiro caminho, que é o da luz, do bem e do amor. Atlas já percebeu isso faz um bom tempo e veja o quanto ele cresceu interiormente, desde que abandonou o mundo em que ainda vocês insistem em viver.

Eu fiz um sinal negativo, desconfortável com aquela conversa, e pedi para que fossem embora.

Ártemis perguntou, então, qual seria a decisão das gêmeas. As duas me abraçaram e disseram, a uma só voz:

– Estaremos sempre com Andrey.

A grande mestra abaixou a cabeça e concluiu:

– Que assim seja, então! Deus nos dá o direito do livre- arbítrio. Nossos destinos estão tão somente em nossas mãos. Caso mudem de ideia, basta que dirijam o pensamento àqueles que os amam desde que chegaram a esse planeta, há tanto tempo atrás. E estaremos juntos a vocês.

Nós agradecemos, comovidos, enquanto ela e o gigante guerreiro saíram lentamente de nosso palácio. Nossos soldados apenas os acompanhavam com um olhar assustado. Eles nunca estiveram tão próximos de espíritos de tal quilate espiritual, em todos aqueles séculos servindo-nos.

As gêmeas e eu ficamos em silêncio, pensativos, durante todo aquele dia. Fundamentalmente, o que mais me tocou foi a reação de Ártemis, chegando às lágrimas por ver-nos. As palavras foram secundárias; elas trabalharam apenas superficialmente no campo consciente de nossas mentes, já os sentimentos da nobre mentora mergulharam profundamente na misteriosa área do inconsciente de nossas almas, provocando-nos libertadora reflexão.

Conversamos depois com Arnach e Ryu sobre tudo aquilo. O sedutor amigo foi taxativo:

– Isso é uma loucura! Nosso mundo é aqui. Jamais reencamarei no plano material. Tire essa ideia louca da cabeça, Andrey.

Eu, então, insisti:

– Pense, Arnach. Nossa vida não nos traz novidades faz séculos. Há quanto tempo estamos nessa mesma situação? Nem mesmo guerras são necessárias para manter nosso império. Gadeir e seus asseclas estão mais preocupados em manter seus domínios no astral e influenciar negativamente os povos do mundo físico. Como não temos dado trabalho a ele, praticamente nos desconsidera, sem intervir em nossos domínios.

Os amigos desconversaram, entediados com minhas reflexões, e Arnach, naquela mesma noite, preparou uma festa grandiosa em seu palácio, para tentar desviar minha atenção da visita luminosa que tínhamos recebido.

As gêmeas e eu ficamos silenciosos, entediados com tudo aquilo. Nossos corações não sentiam mais prazer naquele mundo de ilusões. Pouco a pouco, o “maia” foi se desfazendo. Tudo aquilo que nos alegrara por milênios parecia, então, tão vazio e fútil. Passamos a sentir saudades de Artemis, Criste e dos demais mestres, que viviam segundo uma filosofia de vida superior. Nossa consciência começava a se abrir para algo maior.

E, quando isso acontece, não existe mais volta. Isso se chama evolução. A ampliação da consciência liberta; e a submissão a modelos religiosos não é o que “angeliza”, mas sim perceber algo maior, muito além de ritos e crenças. Evolução é sentir basicamente a energia de Deus pulsando dentro de si e compreendê-la, extemando-a a seus semelhantes.

Perceba, caro leitor, que os grandes mestres da humanidade estavam acima das religiões, utilizando estas somente como instrumentos para fluírem seu amor e sua sabedoria. Portanto, não se prenda aos “meios”, e, sim, busque os “fins”; não se atrele demasiadamente às doutrinas religiosas, como se elas fossem o todo; elas são apenas os meios pelos quais evoluímos nossa consciência para melhor compreendermos Deus. As religiões são instituições humanas, e as mensagens incólumes dos grandes mestres, que procuramos resgatar por meio de nossos relatos, é que foram divinas. Pense sobre isso.

As religiões são como rodinhas auxiliares de uma bicicleta infantil; quando aprendemos a nos equilibrar, não necessitamos mais delas. Insistir em manter essas rodinhas, após aprender a andar de bicicleta, prejudica e atrasa o deslocamento, fazendo-nos perder os melhores momentos do passeio.

A aquisição da verdadeira consciência espiritual nos faz compreender os caminhos que devemos seguir para alcançarmos a verdadeira felicidade, independentemente de crenças sectárias.

Aquele que se liberta do mundo das ilusões e de seus traumas inconscientes toma-se um iluminado, percebendo o todo como ele realmente é, sem as distorções típicas decorrentes de nossas percepções limitadas.

É por isso que os iniciados costumam afirmar que os grandes mestres enxergam a “face de Deus”; esta é uma simbologia para explicar que eles compreendem o Criador e seu grande

projeto de forma mais ampla que a humanidade em geral.

No final da noite, voltamos para nosso palácio e nos deitamos silenciosamente no imenso leito nupcial dos aposentos reais. Ficamos observando, indiferentes, toda a magnífica riqueza que nos cercava. Não conseguíamos pregar os olhos. Até que finalmente nossas consciências mergulharam em total reflexão, e nosso castelo se desfez. Em poucos segundos, todo o nosso império desapareceu, e nos vimos nus, com nossos belos corpos feridos e sujos, em meio a um lamaçal sem fim. A realidade se apresentava de forma nua e crua. O mundo é definitivamente mental.

Sol se viu em meio a uma escuridão terrível, que cegou seus olhos, enquanto Lua sentia-se sendo queimada por uma luz de intensa atividade. Nossas consciências começavam a entrar em um processo perigoso de autopunição, do qual havíamos fugido por milênios.

As zonas de sofrimento nas trevas nada mais são do que construções mentais inerentes a cada um de nós. Luz e treva são apenas reflexos de nossa forma de ver e agir no mundo, conforme nossas crenças. Ninguém precisa padecer séculos em zonas purgatoriais somente porque praticou o mal. A simples disposição para o aprendizado e a correção dos equívocos, de forma sincera e verdadeira, já abre amplos caminhos para o retomo da alma ao caminho da luz.

Deus não deseja impor sofrimentos aos seus filhos. Nós é que nos autopunimos por causa dos arcaicos modelos religiosos a que fomos submetidos por séculos. Não há a necessidade de alimentar culpas, mas sim de construir um caminho voltado verdadeiramente para a luz, independentemente das regras ou dos rituais impostos pelas religiões, que são modelos ultrapassados de espiritualização.

Assim, entregamo-nos a um enfermioso processo de autopunição, e isso permitiu que entidades muito inferiores a nós pudessem nos atormentar. Vozes infernais passaram a nos acusar e perseguir.

Fizemos muitas maldades, coisas terríveis nesse longo período nas trevas, mas o objetivo desta obra não é angustiar ou deprimir os leitores com narrativas que são exemplos do que não devemos fazer. A finalidade deste livro é convidá-los a uma reflexão sobre nosso comportamento evolutivo no transcorrer dos séculos.

Além disso, sinto certo desconforto em narrar meus crimes. É como se eu estivesse arrancando, sem piedade, feridas que ainda não estão plenamente cicatrizadas. Peço ao leitor que se compadeça da fraqueza deste escriba que lhe narra e perdoe-me por não descrever claramente até onde nossas almas desceram durante esse distante período sombrio de nossas existências.

Cento e vinte séculos se passaram desde o afundamento da Grande Ilha. É um longo período para o homem; contudo, não passa de um breve suspiro dentro da eternidade.

Fico também um pouco curioso em saber como os leitores julgarão minhas ações e meus comportamentos descritos neste relato, os quais ocorreram há tanto tempo. Entretanto, sei que fui sincero e verdadeiro. Tive coragem de expor minhas mazelas e fraquezas por amor ao ideal que abracei, que é o projeto de esclarecimento espiritual que a Alta Espiritualidade me delegou: o Universalismo Crístico.

Talvez alguns leitores me critiquem ou sejam até mesmo sarcásticos, mas isso é natural. Até mesmo Jesus não agradou todas as pessoas. Por que eu, apenas uma formiga comparada ao

grande Mestre, teria melhor êxito? Os fariseus estão presentes em toda a parte, assim como estiveram no passado. Isso não podemos mudar, pois é algo que deve nascer de dentro do coração de cada um deles. Contudo, tenho fé de que um dia, em breve, eles perceberão que têm muito mais a oferecer à humanidade do que apenas realizar julgamentos pejorativos a trabalhos que ainda não compreendem.

Em minhas reflexões, percebo que todo o mundo, em seu caminho rumo à luz, já passou, ou vai passar, por seus momentos de sombras. Assim, antes de me julgarem, talvez o mais prudente seja perguntar a si próprio: “E eu, o que fiz no passado? Que crimes cometi?”. Ou, então: “Que carmas terei de resgatar?”.

Quem poderia jogar a primeira pedra, atestando não ter passado por momentos semelhantes em sua evolução? Muitos dos espíritos de escol da atualidade, que nos alegram com palavras de amor e de esperança, foram os mesmos que jogaram pedras na cruz do Cristo ou praticaram gestos dessa natureza em passado remoto.

Ademais, a intenção deste relato é trazer aos leitores subsídios filosóficos e morais que os auxiliem no aperfeiçoamento de suas personalidades, com o objetivo de tomarem-se pessoas melhores. Decididamente, não me importo se irão crer nesses fatos ou se simplesmente os lerão como ficção, mesmo porque a verdade absoluta de Deus é bem mais ampla que essa que interpretamos com nossos limitados sentidos físicos.

Que cada um creia naquilo que lhe faz feliz. Porém, caro leitor, por favor, jamais abdique da reflexão sobre suas próprias crenças. Isso é que separa os seres que evoluem daqueles que permanecem por séculos estacionados, vendo o tempo passar, sem nada acrescentarem às suas almas.

Arnach e Ryu foram prontamente nos socorrer, sem entender o que estava acontecendo. Logo perceberam que não éramos mais os mesmos.

O terrível galanteador da extinta Atlântida observou-nos com desprezo e falou a Ryu:

– Vamos embora, amigo, pois eles fracassaram. Entregaram suas consciências às reflexões da luz. Isso é um mal de que jamais devemos sofrer.

–

Logo depois, eles foram embora, abandonando-nos nas mãos dos seres perversos. Eu abracei as gêmeas e disse-lhes:

– Isolem a mente da ação das trevas e vamos orar, pedindo o amparo do Espírito Criador.

Pouco tempo depois, Ártemis surgiu acompanhada de Evelyn e Criste, trajando vestes reluzentes que afugentaram os seres sombrios. As gêmeas e eu choramos como crianças perdidas que foram encontradas. Logo em seguida, desmaiamos pelo esgotamento emocional. Ártemis carregou meu corpo desfalecido no colo, enquanto Evelyn conduziu Sol, e Criste amparou Lua.

Uma nova caminhada estava por começar em nossas vidas. Em breve, estaríamos sendo preparados para nossa primeira existência no mundo primevo da Terra. No entanto, os mestres entenderam que seria melhor reencarnarmos separados.

Os sete mil anos que passamos unidos haviam criado elos inquebrantáveis entre nós. Éramos como trigêmeos siameses. Não conseguíamos ficar longe uns dos outros por mais do que trinta minutos, pois sentíamos um esgotamento energético inexplicável.

Fazia milênios que dormíamos todas as noites com os corpos entrelaçados e vivíamos diariamente sempre unidos. Não sabíamos mais viver sem estarmos juntos.

As pessoas, quando têm relacionamentos afetivos e sexuais muito intensos, terminam agregando em si as características e os traços da personalidade umas das outras. Inclusive, por terem uma ligação energética muito próxima, terminam gerando compatibilidade para transplantes de órgãos, mesmo não tendo a mesma herança genética, por causa da “fusão de auras” em que vivem.

Reencamamos, então, em tribos diferentes do dividido Vale do Nilo. Eu reencarnei próximo a Atlas; Sol e Lua, em tribos separadas também, porém do Alto Egito. Mesmo assim nossa ligação era muito forte e logo nos descobrimos, intuitivamente, mesmo a quilômetros de distância, e voltamos a formar um tríplice casal, lutando ao lado do grande faraó Menés, que era Atlas reencamado.

As duas eram hábeis guerreiras. Dominavam o arco e a flecha como ninguém, ganhando a confiança do terrível Menés, que admirava grandes guerreiros e guerreiras.

Junto a ele unificamos o Alto e o Baixo Egito, abrindo as portas para o desenvolvimento da maior civilização da Antiguidade. Ártemis, naquele período, reencarnou como Toth, que viria a ser posteriormente endeusado como o deus da escrita e da sabedoria entre os egípcios, por causa de sua sabedoria fantástica para a época, fato que permitiu grande avanço espiritual, durante um longo período da história da terra de Kemi.

Toth seria conhecido no futuro pelo nome de Hermes Trimegisto, “o três vezes grande”, por causa do intercâmbio com a civilização grega. Durante o período da dominação dos gregos sobre os egípcios, o deus Toth foi assimilado ao deus Hermes dos gregos, e desse sincretismo resultou a denominação Hermes Trimegisto, que é o nome que nosso sábio orientador e coordenador do projeto Universalismo Crístico na Terra utiliza até os dias atuais.

Mas essa é outra história, que futuramente poderemos contar, se for da vontade do Espírito Criador.